



A VERIFICAÇÃO DA FÉ

**Síntese do padre Francesco Ferrari
na Equipe dos universitários de CL**

La Thuile (Aosta), 29 de agosto – 1 de setembro de 2023

A VERIFICAÇÃO DA FÉ

**Síntese do padre Francesco Ferrari
na Equipe dos universitários de CL**

La Thuile (Aosta), 29 de agosto – 1 de setembro de 2023

Közimniñ qarasy (A menina dos meus olhos)

La Sua Figura (Giuni Russo)

Hoy arriesgaré (Oscar Clemotte)

Os cantos e as laudes desta manhã seriam suficientes para encerrar estes dias maravilhosos que Deus nos ofereceu. «Sinto falta da presença da sua figura», canta Giuni Russo. É outra maneira de expressar o que rezamos: «O meu coração murmura por Ti, os meus olhos Te procuram; é a Tua face que eu procuro, Senhor; não desvie de mim o Teu rosto» (Sal 27, 8-9).

Um amigo dizia que ver Cristo é ver pessoas muito animadas. Não, de forma alguma! Ver Cristo é ver um homem, que tem um rosto, que tem uma fisionomia, que tem traços característicos.

1. OS TRAÇOS EXCECIONAIS DE CRISTO

Esta manhã, não vou resumir toda a riqueza destes dias, só quero aprofundar aquilo que, também com nossos amigos do Centro do CLU [grupo de responsáveis dos universi-

tários de Comunhão e Libertação], reconhecemos como sendo os temas mais importantes que surgiram. O primeiro é certamente este: o rosto de Cristo, os traços excepcionais de Cristo.

Cristo era um judeu que viveu na Palestina há 2000 anos. Falava uma língua pobre e miserável; quase de certeza, usava uma túnica, como todos usavam; devia ser moreno; devia estar fisicamente em forma, dada a distância que andou e o quanto resistiu durante a Paixão; também devia ser também um homem fascinante, considerando que, em num determinado momento, uma mulher lhe grita: «Felizes as entranhas que Te trouxeram!» (Lc 11,27). Com certeza era um homem bom, de uma bondade imensa que não podemos sequer imaginar. Era um homem inteligente, que sabia como responder às provocações da realidade com originalidade: «Dai, pois, a César o que é de

César e a Deus o que é de Deus» (Mt 22,21). Explicava a vida através de parábolas. Era um homem que gostava muito de estar com as pessoas, mas também, muitas vezes, de ficar em silêncio. Amava especialmente os mais desesperados – prostitutas, viúvas, publicanos, leprosos –, mas também não se importava de estar com os ricos, como o jovem rico que ele queria tornar seu discípulo, ou com os poderosos, como Nicodemos. Era um homem livre, falava com liberdade, não dependia do julgamento de ninguém. Acima de tudo, ele era um homem que realizava atos excepcionais que nenhum outro homem fazia, realizava milagres, milagres de diferentes tipos: havia as curas, as ressurreições, mas também o milagre de uma compreensão do coração humano que ninguém mais tinha. Os Evangelhos usam um termo grego que pode ser traduzido da seguinte forma: «Jesus olhava para dentro». Em relação ao jovem rico, o Evangelho diz: «Jesus, fitando nele o olhar [olhou para ele], sentiu afeição por ele» (cf. Mc 10,21). Tinha uma compreensão milagrosa do coração; nenhum homem conseguia ler o coração das pessoas daquela maneira. Cristo realizava atos excepcionais.

2. OS DISCÍPULOS DIANTE DELE

Os discípulos que O seguiram ficavam fascinados com estes gestos, estas características muito especiais. Estavam fascinados com as características mais externas e simples. De facto, devia ser fascinante observar aquele homem, a forma como Ele falava com as pessoas, como Ele se relacionava com o mundo – pensem na pessoa que mais estimam e multipliquem por 500 milhões! E depois eram atraídas pelos Seus gestos extraordinários. Quanto mais estavam com Ele, quanto mais O seguiam, mais esses traços excepcionais os espantavam, os deixavam sem palavras. Quanto mais conviviam com Ele, mais esses traços excepcionais apontavam para algo oculto, secreto, para um coração que

os discípulos queriam alcançar. Apontavam para algo que suscitava uma pergunta: «Mas quem és tu? Quem é este? De onde vem toda esta beleza, toda esta força, toda esta exceccionalidade?». E quanto mais o seguiam, mais urgente se tornava esta pergunta. Os discípulos queriam perceber qual era a origem desta exceccionalidade.

Nem todos quiseram perceber. Nestes dias, um de nós perguntou: «Que necessidade tenho de dizer “Cristo”?». Nenhuma, nenhuma obrigação, depende do que tu quiseres. É uma escolha.

Nem todos quiseram perceber quem era aquele homem, muitos contentaram-se com o que já tinham pensado. Os discípulos não, os discípulos queriam perceber. Mas à pergunta: «Quem és tu, Cristo, quem és tu verdadeiramente, de onde vens?», os discípulos não sabiam e não podiam responder; não sozinhos. Era impossível.

E, de facto, a esta urgência deles, a esta pergunta deles, é Cristo quem responde: «Eu sou o caminho, Eu sou a verdade, Eu sou a vida. Eu sou o Filho de Deus. Eu sou o significado da tua vida, o significado da tua existência, da existência do mundo todo. Eu sou a razão pela qual existes, pela qual tu vives, pela qual tu amas, pela qual tu sofres, pela qual tu desejas. Sou o sentido de todo o sofrimento. Eu sou Deus». Vamos tentar não ser óbvios ao usar esta palavra, Cristo. «Eu sou Deus». Pensem na primeira vez em que Ele começou a dizer estas palavras: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,6). É como se eu agora vos dissesse: «Eu, Francesco, sou a Verdade!». Pensem no choque e no espanto com que vos invadiriam.

«Eu sou a origem e o significado desta promessa que define a tua vida, a realização deste coração que tu tens, de todos os desejos». «O meu coração murmura por Ti, é a Tua face que eu procuro, Senhor» (Sal 26, 8-9).

Eis que Cristo, a determinado momento, revelou a Sua face, a Sua face mais verdadeira, a Sua face mais profunda.

3. O INÍCIO DA FÉ

Foi aqui, diante daquilo que Cristo dizia sobre si mesmo, que nasceu a fé. Porque a fé, diz Giussani, é o reconhecimento de uma presença. Os discípulos, num determinado momento, começaram a reconhecer aquela presença: não apenas a excepcionalidade daquele homem, mas quem Ele realmente era. Jesus diz aos discípulos: «E vós, quem dizeis que eu sou?» e Pedro responde: «Tu és o Cristo» (Mt 16,15-16). Cristo significa: o Messias, o enviado de Deus, Deus.

Quando Pedro deu esta resposta, reconheceu aquela presença na sua verdade mais profunda. Mas quando Pedro deu esta resposta, diante de seus olhos ele tinha um homem; ele não via a divindade de Cristo, via um homem! O mesmo homem que tinha visto uma hora antes! Pedro começou a acreditar no que aquele homem lhe tinha dito sobre si mesmo. Tinha fé n'Ele, fé no que aquele homem lhe tinha contado sobre si mesmo. E, por causa disso, ele realmente viu-O viu, via-O melhor, ao contrário de todos os outros, que se contentaram em dizer sobre aquele homem o que haviam decidido.

«Tu és Deus»: a fé é esta confiança nas palavras de outro que nos leva a um conhecimento maior e mais verdadeiro. «Os discípulos viam a humanidade, mas acreditavam na divindade», disse-nos ontem Martino. Eles viam a humanidade, mas acreditavam na divindade, ou seja, no que Ele lhes havia dito.

Projeção: *Cristo Salvador*, de A. Rublöv.

Este é um ícone do início do século XV. Desde o início do cristianismo, a arte tem se deparado com o problema de como pintar um homem que era Deus. Como mostrar em traços humanos o que não é apenas humano? O ápice artístico desse desejo é justamente o ícone. É por isso que os ícones nunca são excessivamente realistas: não era o realismo físico que interessava, mas mostrar da realidade de um homem aquilo que

não era humano. Os ícones, de facto, eram pintados durante a oração, como um ato de busca: «O meu coração murmura por Ti, os meus olhos Te procuram; é a Tua face que eu procuro, Senhor; não desvies de mim o Teu rosto» (Sal 27, 8-9).

Os discípulos viam um homem, mas acreditavam na Sua divindade, ou seja, no que aquele homem dizia sobre Si mesmo. Isso levava-os a ver mais, a perceber mais, a reconhecer mais.

Aquele ato de fé naquilo que aquele homem tinha dito sobre si mesmo é uma graça: foi uma graça encontrar Cristo (os discípulos não decidiram encontrar Cristo); foi uma graça ser fiel a Cristo na convivência; foi uma graça o ato de reconhecimento verdadeiro da Sua presença, acreditar nas Suas palavras; foi uma graça acreditar na Sua ressurreição, ou seja, acreditar que aquele rosto não acabava mais, que tinha vencido todos os limites, que era verdadeiramente Deus. Este é o início da fé.

4. UMA QUESTÃO DE LIBERDADE

Este reconhecimento é uma graça. Como dizíamos, os discípulos não conseguiram responder à pergunta «Quem é você?» por conta própria. É Cristo quem os ajuda a responder. É uma graça: o Espírito entra na vida para ajudar as pessoas a reconhecê-Lo. Mas dizer que é uma graça não significa dizer que os discípulos não eram livres; de facto, nem todos O reconheceram, mas todos (os discípulos e outros) tiveram de se posicionar diante d'Ele.

Há uma página famosa de Giussani onde ele cita o *Diário de Kierkegaard*: «Humanamente falando, a pior forma de escândalo é deixar sem solução todo o problema a respeito de Cristo. A verdade é que o imperativo cristão – tu deves – foi completamente esquecido. Que o cristianismo foi anunciado significa que *tu deves* tomar posição diante de Cristo. Ele [Ele, aquele rosto], ou o facto de que Ele existe ou existiu, é a decisão de toda a existência». Esta é a página do *Diário* citada,

e depois Giussani continua: «Certas chamadas de atenção não podem, pela sua radicalidade, ser eliminadas ou censuradas [certos lembretes da vida: “Que beleza eu vi”], já não posso censurar isso]. A pessoa é obrigada a dizer sim ou não. Quando é atingida pela notícia de um homem que declarou: “Eu sou Deus”, uma pessoa não pode desinteressar-se, deve procurar confirmar se a notícia é verdadeira ou falsa» (*Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, p. 46), se pode acreditar naquele homem ou não.

Se um vendedor de fruta disser que tem as melhores maçãs do país, posso até não me interessar! Mas como posso não me interessar se um homem diz que é Deus?

Os discípulos, como todos os que conheceram aquele homem excepcional, tiveram de tomar uma posição em algum momento, usar a sua liberdade, decidir se confiariam n’Ele ou não. «Por que é que eu tenho que dizer: “Cristo”?» Não tens, mas tens de tomar uma posição, isso sim. A excepcionalidade que vês é um apelo à tua liberdade.

Por que é importante enfatizar esta dimensão da decisão pessoal, da liberdade pessoal? Porque só se a fé for uma decisão minha, só se a fé for um ato de liberdade e, portanto, um ato meu, ela poderá ser a minha fé, poderá ser um ato humano, poderá ser um ato de amor.

Cristo, ao apresentar-se à nossa vida, apresenta-se sempre procurando e respeitando, mendigando a nossa liberdade. Foi por isso que escolheu um sinal tão frágil, tão discreto, tão facilmente incompreendido como a nossa companhia. Ou, mais ainda: escolheu um sinal frágil, discreto e ainda mais facilmente incompreendido, como o pão e o vinho na Eucaristia.

Esta discrição de Cristo é a sua maneira de mendigar a nossa liberdade. Dizia-o Péguy numa página famosa: Cristo é tão discreto que passa pelo frágil sinal de uma companhia e de uma Eucaristia, um pedaço de pão, porque Ele quer ser amado livremente,

quase gratuitamente, ou seja, por amor, não por obrigação. Como um amante que nunca força o «sim» da amada, espera por ele. É Deus quem fala: «Acaso gostamos de ser amados por escravos? [...] / Quando soubemos uma vez o que é ser amado livremente, as sujeições já não têm gosto algum. / Quando soubemos o que é ser amado por homens livres, as prosternações de escravos já nada nos dizem [...] / Assim também eu gosto de encontrar neles uma certa gratuidade / Que seja como um reflexo da gratuidade da minha graça [precisamente porque é uma graça, deve ser livre: a graça é um gesto de amor e exige uma resposta de amor]. // Que seja como a imagem [...] / e semelhança da gratuidade da minha graça. // Gosto que em certo sentido rezem não apenas livremente mas como que gratuitamente. / Gosto que caiam de joelhos não apenas livremente mas como que gratuitamente. / Gosto que eles se deem e que deem o seu coração e que se perdoem e que se ofereçam e que se estimem não apenas livremente mas como que gratuitamente. / Gosto, enfim, que eles amem, diz Deus, não apenas livremente mas como que gratuitamente» («O mistério dos santos *inocentes*», Lucerna, Cascais 2015, pp. 47, 52).

Este é o apelo de um Cristo que quer ser amado por homens livres.

5. A NOSSA HISTÓRIA

Também nós nos encontramos diante de uma humanidade excepcional, marcada por traços excepcionais. Uma humanidade concreta, como era concreto Cristo, a Sua aparência, a Sua túnica, a franja do Seu manto. Encontrámo-nos diante de humanidade concreta, a de Lucas, de Francisco, de Catarina. Concreta: rostos, circunstâncias.

E tal como então os discípulos viram gestos excepcionais, nós vimos e estamos a ver gestos excepcionais. Pensando nestes dias, eu poderia ficar aqui horas a contar-lhes, a falar-vos dos gestos excepcionais que eu – eu, Francisco – vi nestes dias, sinais da excepcionalidade

do milagre de Cristo, ou seja, um gesto que não se esgota na soma dos elementos.

Vamos dar alguns exemplos.

Uma familiaridade impensável. Os nossos amigos que estiveram em Erasmus na Noruega falaram disso ontem, ou a Cecília com os seus amigos portugueses. Uma familiaridade, uma comunhão, uma unidade que não tem nenhum sentido fora de Cristo. A Ester disse: «Não estávamos juntos por causa da nossa simpatia, das nossas afinidades. Esta familiaridade nascia da fé».

Um acolhimento – eis outro traço excepcional – sem limites, até ao perdão. O Alfio disse-nos ontem: «Sou um traidor em série, mas sou sempre aceite de volta». Rapaziada, neste mundo que não te perdoa nada e que te permite tudo, como disse Chesterton, há um lugar onde um traidor em série (como ele mesmo se intitulou) foi sempre aceite de volta; portanto, um acolhimento infinito, até ao perdão.

Uma compreensão mais profunda da realidade: para mim, essa é a bela história de Alexandre, que mostrou como da educação que recebeu ao fazer caritativa nasceu em si um olhar diferente sobre as circunstâncias de saúde das pessoas que visitava, um novo olhar que via mais profundamente, um olhar mais verdadeiro, mais verdadeiro até do que o do seu professor, que tinha estudado mais. Diziam-nos: «Nunca fui à caritativa para procurar questões científicas, mas a gratuidade gera um olhar sobre a realidade que vê coisas novas».

Um amor mais verdadeiro entre homem e mulher, como os testemunhou ainda o Alexandre.

Uma alegria impensável, mesmo diante dos dramas mais misteriosos. Uma alegria impensável que não é a soma dos nossos rostos, como os seus amigos contaram ao Tobia na última noite das suas férias, ou tantos de vocês em tantos relatos, pensando nos dramas das vossas famílias.

Por último – mas eu poderia continuar –, a experiência da filiação, a experiência – não o

sentimento! – de sermos amado, a certeza de sermos queridos mesmo quando a vida parece ter-nos abandonado. «Eu sou o filho da promessa», disse Yuri.

Também nós, diante desta excepcionalidade, destes traços excepcionais, somos recetores de um anúncio: toda esta vida nova que vocês veem, amigos, toda esta vida excepcional que vocês veem, tem origem na pessoa de Cristo, tem origem naquele rosto, naquela figura, tem origem na pessoa de Cristo. Este é um anúncio que nos é feito, é uma palavra que nos é dita: «A fé surge da pregação» (Rm 10,17). E o que conta é tê-las ouvido, a essas palavras. Nós ouvimo-las, e iremos repeti-las sempre, enquanto for preciso: toda a beleza que podemos encontrar nesta nossa companhia miserável vem de Cristo, é um sinal da Sua presença no meio de nós. Este é o anúncio cristão.

6. A FÉ

Diante deste anúncio, também nós somos interpelados na nossa liberdade, também nós somos chamados a tomar uma decisão. E talvez – espero – hoje, depois destes dias, possamos entender melhor o que significa ser chamados a tomar uma posição. «Não sou capaz de dizer “Cristo”»: é a objeção que ouço com frequência. Mas ninguém pretende que tu sejas capaz de dizer «Cristo». A questão é se tu, meu amigo, podes e queres confiar no que te é dito.

Vou ler-lhes uma passagem de Giussani que nos ajuda a perceber como a confiança nas palavras de outro (a fé) não é uma coisa irracional.

«Se o Mistério é a verdade do homem e, enquanto Mistério, a verdade não se pode conhecer, se o Mistério coincide com aquele homem, se a verdade é aquele homem [...] É este **homem presente**. Este é o salto mortal contra o qual todos os homens deste século se rebelaram». Por que é que se rebelaram? Porque ter confiança noutra sobre uma coisa quer dizer depender de outro. E o homem,

na sua orgulhosa presunção, quer ser dono de si mesmo. «Se alguém diz [o anúncio de Cristo: “eu sou Deus”]: ou quer enganar-te da maneira mais grosseira, mais terrível, e deve ser morto – efetivamente! –, ou tem razão (ou seja, não tenho nada a opôr). Quem é este? Devo repetir as suas palavras, [para responder a esta pergunta] sou obrigado a repetir as suas palavras, porque não tenho nenhum dado de experiência a contrapor às suas palavras. Tenho apenas dados de experiência que pré-confirmam as suas palavras [toda esta beleza, toda esta excecionalidade]: confirmam-no. E quanto mais repito as suas palavras, tanto mais percebo. [...] A pergunta a que devemos dar resposta fica vinculada cá dentro como a característica fundamental da tua responsabilidade, como a expressão suprema da tua humanidade [a pergunta a que temos de responder está enraizada na nossa vida]: “E tu, quem dizes tu que Eu sou?”, “E vocês [todos vocês], quem dizem que Eu sou?”. E a única resposta [ou seja, a mais razoável] é repetir aquilo que Ele disse: “Sabemos que és Deus porque o disseste”. De facto, ninguém pode fazer estas coisas, se não Deus [...]. É isto o cristianismo: o testemunho daquilo que Ele diz de si. Por isso quem crê n’Ele não é o teólogo, mas o amigo. Cremos graças ao testemunho que deu de si mesmo, e aceitamos o seu testemunho porque nunca houve ninguém que tenha feito, que saiba fazer e dizer coisas como as que Ele disse e fez; não só não é normal, mas humanamente inexplicável. A fé afirma uma coisa porque Ele a disse. Ponto. [...] É razoável que uma pessoa aceite uma coisa porque ele a disse, na medida em que historicamente se pode verificar e afirmar uma excecionalidade de comportamento, uma excecionalidade de *performance*, que não se pode encontrar em mais nenhum lado» (*Si può (veramente?) vivere così?*, Bur, Milão 1996, pp. 92-94). Esta é a fé, este é o anúncio que nos é feito, esta é a fé que podemos viver: acreditar no anúncio e nas palavras que nos são ditas.

Acreditar na palavra do outro não é um insulto à minha razão, porque é a palavra que mais me introduz à excecionalidade que vejo.

7. A COMPANHIA E A ORAÇÃO

O salto mortal (como lhe chama Giussani); assusta-nos, parece que nos perdemos, que nos perdemos a nós mesmos ao afirmar e depois ligar a nossa vida a uma coisa assim. Mas não só: como dissemos nestes últimos dias, há em nós uma fraqueza mortal, uma moleza em que há momentos em que intuimos, em que confiamos, mas depois tudo parece desmoronar.

Então, o que nos sustenta? Como já dissemos nos Exercícios, Giussani apontou duas grandes ferramentas para o caminho cristão: a companhia e a oração. O caminho da fé é uma necessidade minha, um ato meu. Que lugar tem então a comunidade, o facto de estarmos aqui juntos? Retomo a citação de Bento XVI que Davide usou: «Não posso construir a minha fé pessoal num diálogo privado com Jesus, porque a fé me é dada por Deus através de uma comunidade crente que é a Igreja [...]. A nossa fé só é realmente pessoal [é minha], se for também comunitária: só pode ser a minha fé, se viver e se mover no ‘nós’ da Igreja» (*Audiência geral*, 31 de outubro de 2012). Por que só pode ser a “minha” fé se for a “nossa” fé? Porque no início não é o que tu sabes dizer que conta, é o que te é dito, o anúncio que recebes e a confiança que tens nesse anúncio. É só numa relação que se vive a fé, ninguém inventa a fé sozinho.

O encontro inicial deu-se numa companhia, a excecionalidade que me toca está no seio de uma companhia, o anúncio que me é feito é feito por uma companhia, por um lugar. Então, como aconteceu com os apóstolos, é na convivência com essa companhia – ou seja, pertencendo, estando dentro: o padre Pedro disse: «Por osmose, por contato, por proximidade!» – que eu posso caminhar na fé. O serão sobre Adriana Mascagni fez-

-me ouvir outra vez, com surpresa, as palavras que ouvi durante toda a minha vida. São impressionantes: «O mal que eu faço não é o meu mal [não gostaria de ter essa fraqueza, essa moleza] sou mais miserável do que julgava; / o mal que tenho dentro destes meus ossos, / Pai, mantém-me longe de ti. [...] Faz-me encontrar quem sabe sofrer, / quem sabe dar até ao fim [quem sabe viver o sofrimento, quem sabe amar até o fim], / quem é sincero, quem é real [quem tem os traços de uma humanidade mais verdadeira!] / alguém que eu possa ao menos seguir» («*Non son sincera*», Cancioneiro, p. 307). Esta é a verdadeira companhia: um lugar de testemunhas, um lugar de humanidade mais verdadeira que nos resgata do nosso mal e que, portanto, podemos seguir; pessoas tocadas pela fé, pelo anúncio da fé, rendidas a este anúncio. Esta é a Igreja. Sem esta companhia, não posso ter fé. Obviamente, não estamos a falar de fé na companhia, mas em Cristo! É uma fé em Cristo que só é dada através de uma pertença, uma confiança, uma obediência, um seguimento, um estar, uma vida no seio de uma companhia. É por causa desta fé em Cristo, por causa deste objetivo maior e mais belo ao qual a companhia me conduz, como dissemos nos últimos dias (falando do objetivo dos passeios), que posso até aceitar, até abraçar, o escândalo dos limites desta mesma companhia.

O outro apoio, a outra ferramenta é a oração, o pedido, porque se é verdade que a fé é uma graça, mas se também é verdade que é um ato de liberdade, então precisamos de pedir, pedir mesmo, para podermos dizer sim. Nas nossas comunidades, devemos rezar. A nossa companhia deve sustentar a fé de todos, deve chamar-nos a uma vida que não viveríamos instintivamente. Se não houver oração, falta o verdadeiro horizonte da nossa companhia e, então, restará apenas a nossa pobre humanidade, sem mais nenhum lembrete. E cai-se no esquecimento de Cristo.

E assim, a nossa vida é realmente um jogo de graça e de pedido, em que minha fidelidade e o meu caminho nesta companhia são possíveis por causa da Sua fidelidade, por causa da Sua graça. Mas a Sua graça, o facto de ser sempre retomado, desperta em nós cada vez mais o desejo de fidelidade, ou seja, de amar até ao fim, de responder até ao fim.

8. A VERIFICAÇÃO DA FÉ

A fé é a confiança no que Cristo me disse, através da companhia que encontrei. E Cristo – vamos repeti-lo para nunca o esquecermos – declara-se a resposta para todos os desejos do meu coração. Mas «se Cristo é realmente a resposta para minha vida, para nossa vida, isso deve ser “visto” de alguma forma» (L. Giussani, *Milano 1954: cronaca di una nascita*, «30 Giorni», n. 11/1988, p. 45).

O início do caminho da fé, ou seja, desta confiança nas palavras de Outro, pode ser conturbado. Mas livremo-nos de dizer: não sou capaz de dizer «Cristo», este não é o problema! Tu és convidado a confiar nas palavras de outro: é assim que se chega, pela graça, a dizer Cristo! O início deste caminho de fé e de confiança abre imediatamente também o caminho da verificação da fé.

A verificação da fé consiste, então, em verificar se, tendo confiança, fé, no anúncio de Cristo que me é feito, a minha vida muda, toda a minha vida muda. Não se sou capaz de mudar, mas se a minha fé (a Presença que reconheço), a minha confiança n'Ele torna a vida nova, isto é, se a minha vida começa a respirar aquela excecionalidade que vi, se começo a experimentar em mim, na minha vida, em todos os «continentes da minha vida», a vitória de Cristo presente.

«Verificar, dar-mo-nos conta da verdade do anúncio que nos foi feito: mas através de quê, de que maneira? Tentando enfrentar todos os problemas da nossa vida tendo isso presente, tendo no coração aquela fé, à luz da fé; e se a fé é o reconhecimento de uma presen-

ça, enfrentar todos os problemas da existência à luz daquela presença» (*idem*).

A verificação da fé, então, nasce de um desejo, de uma necessidade que emerge em nós no encontro com Cristo no seio da Igreja. É um desejo de totalidade: o desejo de que tudo tenha algo a ver com o encontro (porque se Tu és Deus, então tudo tem a ver contigo), com aquele homem excepcional. Tudo está carregado com uma promessa de excepcionalidade. Tudo pode ser renovado por esse encontro. É só esta totalidade que corresponde verdadeiramente, até ao fundo, ao nosso coração (porque o nosso coração é exigência infinita). Ouçam este trecho de Bergoglio no prefácio de *O sentido religioso*: «O homem não pode contentar-se com respostas reduzidas ou parciais que obriguem a censurar ou a esquecer algum aspeto da realidade. De facto, no entanto, nós fazemo-lo: e isto é apenas um fugir de nós mesmos. O homem precisa de uma resposta total que inclua e salve todo o horizonte do seu “eu” e da sua existência. Dentro de si, possui um anseio pelo infinito, uma tristeza infinita, uma nostalgia [...] que só se satisfaz com uma resposta igualmente infinita. O coração do homem mostra que é sinal de um Mistério, ou seja, de alguma coisa ou de alguém que é uma resposta infinita. Fora do Mistério [em Deus], as exigências de felicidade, de amor, de justiça não encontram nunca uma resposta que satisfaça plenamente o coração do homem. Se esta resposta não existisse, a vida seria um desejo absurdo» (L. Giussani, *O sentido religioso*, Tenacitas, Coimbra 2023, p. 15). A verificação da fé é o caminho para descobrir que Cristo é verdadeiro, cada vez mais, e que é a resposta para toda a minha vida, para todo o meu coração. A verificação da fé é a descoberta de que Cristo é a vitória sobre o absurdo, é a vitória do Mistério sobre o absurdo.

9. TOTALIDADE E CAMINHO

Dissemos que a verificação da fé é um caminho. Esta totalidade que desejamos, ver que Cristo muda toda a vida, que Ele tem a

ver com todas as circunstâncias da vida, é a meta do caminho. «O que tornava viva a nossa amizade era a pretensão da totalidade» (L. Giussani, *Milano 1954: cronaca di una nascita*, op. cit., p. 46).

«Há continentes inteiros da minha vida – dissemos um ao outro, citando Biffi – onde a cruz de Cristo ainda não foi plantada» (G. Biffi, *La multiforme sapienza di Dio*, Siena: Cantagalli, 2014, p. 114). Como nos disse precisamente o Martino, esta é uma frase positiva, dolorosamente positiva, porque sinaliza uma falta, mas promete um caminho. A totalidade é a meta, mas também é uma experiência que já começou; é a meta e é o caminho, é algo que já começou. Esta vida à luz da Presença que encontramos é como uma aurora – segundo a imagem de *don Giussani* – na qual ainda há escuridão, mas já desponta uma luz. E esta luz que desponta pode ser uma pequena chama, mas está cheia da promessa do sol do meio-dia. Quando o sol estiver alto aquecerá, iluminará e clareará toda a nossa vida.

10. UMA VIDA NOVA

Nós queremos verificar que Cristo pode tocar todos os aspetos da existência e, assim, torná-los novos. Que possamos então redescobrir as três dimensões da vida cristã que Giussani tanto referiu e lembrou como expressão desta vida nova. As três dimensões da vida cristã são a cultura, a caridade e a missão.

Cultura. A verificação da fé tem a ver, acima de tudo, com o juízo que temos sobre a realidade, sobre nós mesmos e sobre o mundo, ou seja, a cultura. Um de vocês perguntava: «O que é que Cristo tem a ver com a engenharia?» Devemos responder a esta pergunta.

Este trabalho de verificação, de descobrir a o nexos entre Cristo e toda a vida, deve ser vivido em primeiro lugar no estudo. Podemos dizer que somos um tanto deficientes nesse aspeto. Não no sentido de que estudamos pouco, mas de que vivemos o estudo desli-

gado do encontro que fizemos. Poucas vezes, ao visitar as comunidades durante o ano passado, o assunto do estudo surgiu nas nossas assembleias. Esta nossa fraqueza emergiu de forma retumbante – e simpática – ontem à noite, durante os belos testemunhos dos nossos amigos em Erasmus: em quatro testemunhos, nunca ninguém falou do estudo!

Eu creio que isso também se deve ao facto de estarmos imersos numa cultura que nos faz viver a universidade sempre preocupados com prazos, média das notas, o nível que devemos atingir para conquistar o próximo passo, a carreira. Quando é que gozamos o estudo? Quando é que nos surpreendemos com o que descobrimos? Quando é que ficamos maravilhados com a beleza de uma coisa nova que descobrimos? Sem deixar de lado todos os outros aspetos, que também são importantes (é claro que o exame tem de correr bem), o verdadeiro prazer de estudar é a surpresa de perceber a ligação entre aquilo que estudo e a minha felicidade, a surpresa do facto de que aquilo que estudo tem algo a ver com o meu destino, com a minha felicidade, ou seja, tem algo a ver com Cristo. Precisamos de nos ajudar mutuamente nisso. O estudo é a primeira área em que devemos realizar essa verificação da fé.

A verificação da fé também se joga também num juízo sobre o que está a acontecer à nossa volta. Quantas provocações que a realidade nos oferece estão à espera desta nossa verificação, desta cultura! O que tens a dizer, por exemplo, sobre o encontro que fizemos sobre a visão do homem que hoje é compartilhada por todos de forma absolutamente homologada, em que todos pensam a mesma coisa sobre a afetividade, sobre o significado do nascimento e da morte, sobre o homem concebido apenas como detentor de direitos subjetivos?!

A nossa amiga perguntava como conhecer os ensinamentos da Igreja sobre a vida. Acho que essa é uma pergunta correta, que deve ser vivida de maneira ordenada e bela. A per-

gunta é correta porque, se Cristo está envolvido em tudo e a proclamação de Cristo me é feita nesta companhia, então quero saber o que esta companhia pensa sobre as coisas. Esta companhia – a Igreja – faz a verificação da fé há 2000 anos. Eu gostaria que todos nós tivéssemos a humildade de perguntar àqueles que já fizeram essa verificação o que eles pensam sobre a vida. Portanto, é correto, de facto essencial, querer saber e conhecer o que a Igreja pensa. É claro, porém, que se a maneira de saber o que a Igreja pensa fosse apenas organizar cursos de atualização, ficaríamos entediados, e isso rapidamente se tornaria árido.

Aconselho dois caminhos para aprender a olhar o mundo também à luz dos ensinamentos da Igreja: o primeiro é viver bem as nossas propostas, assimilar os conteúdos que propomos (refiro-me à Escola de Comunidade, aos juízos que indicamos, aos livros que recomendamos, etc.). O segundo é aprofundar os ensinamentos da Igreja a partir das provocações que a realidade nos apresenta. Por exemplo, na diaconia de Milão, no final do ano, um de nós fez uma pergunta sobre uma reunião realizada na Politécnica sobre a homoparentalidade. Dissemos que pediríamos ajuda para explorar essa questão e dar um juízo. Acho que esse trabalho cultural é importante para todos nós. Seria bom se alguém entre nós fizesse um esforço para ajudar a todos nesse trabalho de julgar sistematicamente os eventos atuais, para apoiar o caminho de verificação da fé de todos nós.

Caridade. O segundo aspeto de verificação é a caridade. A caridade é um amor novo. Somos chamados a olhar para as pessoas (pai, mãe, colega de turma, amigo, namorado e namorada) com esta pergunta dentro de nós: «O que é que Cristo tem a ver contigo?» Percebem que a relação se enche de novidade, de trepidação, de intensidade, de profundidade e capacidade de espera, de respeito, de gratuidade? Porque se tu tens alguma coisa a

ver com o mistério de Deus, eu ajoelho-me diante de ti, adoro-te, não te «agarro» como se agarra um objeto que possuímos. O ápice da caridade é a virgindade, é aprender a olhar para a outra pessoa amando-a como sinal do mistério de Deus, na medida em que ela está em conexão com Cristo. Pensem no que significa olhar para as relações, viver assim, tendo dentro este profundo sentido da Presença do mistério de Deus, com um desapego que não é vazio, mas cheio da beleza de Deus! Então, o relacionamento com o amigo tem a ver com toda a história que eu vivi no movimento, com estes dias, com o gelo que vimos no passeio, tem a ver com tudo! Este momento de relação está repleto de toda a história, do mundo, de Deus. A caridade que nasce da fé é o amor a Cristo em cada homem. Egied Van Broeckhoven diz no seu livro *A amizade*: «Senhor, faz-me encontrar em cada homem a terra inexplorada – o mistério – que tu és». A caridade também entre nós, esse olhar entre nós, é um traço excepcional de Cristo. Ele olhava para cada homem desta forma: «Eles eram Teus, e Tu mos entregaste» (cf. Jo 17:6).

Missão. Há um último aspeto desta vida nova que quero sublinhar, a missão.

Aqueles que encontravam Cristo ficavam impressionados com o seu amor pelo homem, com a sua paixão desmedida por cada homem, tão profunda a ponto de dar tudo pela humanidade. «Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo» (Jo 13,1). «Quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós» (Rm 5,8). «Ele me amou e a si mesmo se entregou por mim» (Gal 2,20). A extraordinária paixão pelo homem era um dos Seus traços característicos e era o fruto do Seu amor ao Pai, porque Ele vivia em cada encontro a relação com o Pai.

Uma das características da vida nova e excepcional trazida por Cristo, da vida nova que queremos descobrir cada vez mais, é a pai-

xão por todas as pessoas. Os nossos amigos que regressaram de Erasmus ontem à noite contaram isso de forma maravilhosa. Pelos seus colegas de turma, pelos seus amigos, pela sua família, por todos. É um desejo sincero, não artificial e profundo, de que todos sejam tão felizes quanto nós. Já ninguém nos é indiferente. É a grande vitória sobre o fechamento em si mesmo e o individualismo, sobre o egoísmo que tantas vezes domina os nossos dias. É a vitória sobre a mesquinhez de nossos pequenos horizontes, calculistas. É uma vida dominada pela paixão pelo outro e, portanto, pela missão, para que todos possam conhecer, para que todos possam ser iluminados por aquela aurora de felicidade plena que é a vida com Cristo.

CONCLUSÃO

Projeção: *Cristo Salvador*, de A. Rublëv.

Voltemos ao nosso ícone de Rublëv. Em algum momento da história, perdeu-se o rasto deste ícone, até que, felizmente, foi encontrado. Sendo uma tábua de madeira bastante grande, tinha sido usada num estábulo como tábua de chão, com a imagem voltada para baixo. Está toda estragada porque esteve em contato com a umidade, além de ter sido pisada. Extraordinariamente, porém, a única parte que não foi desgastada foi o rosto de Cristo. Quando foi encontrado, percebeu-se que tudo havia sido consumido, mas aquele rosto permaneceu. Da imundície do chão de um estábulo, surgiu aquele rosto!

O significado da nossa companhia é acompanharmo-nos na descoberta «daquele» Rosto, que hoje também pode estar enterrado na porcaria e no esquecimento. Mas Cristo é fiel: nenhuma porcaria, nenhum esquecimento jamais desgastarão o Seu rosto. Essa companhia acompanha-nos a descobri-Lo sempre de novo.

